

Espacialidade e processos metonímicos na canção “Querência amada”

Odair José Silva dos Santos^a

Heloísa Pedroso de Moraes Feltes^b

Resumo

A cultura gauchesca tem vínculos estreitos com a formação geográfica do Estado do Rio Grande do Sul (RS), e isso é representado, por exemplo, em letras de canções regionais quando as formas geotopológicas (relevo, vegetação e hidrografia) são mencionadas para referir espacialidade. Com base nisso, este artigo tem o objetivo de analisar os vocábulos que designam espacialidade da letra “Querência amada”, ícone de sucesso no tradicionalismo gaúcho e que apresenta como tema os traços do espaço que podem significar afeto e sentido de pertença, enfatizando o papel dos processos de metonimização, baseados em frames de natureza histórica e socioculturais, nas referências espaciais ao e do Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Espacialidade. Metonímia. Música gaúcha.

Recebido em: 04/04/2018

Aceito em: 03/07/2018

^a Professor do Instituto Federal de Alagoas – IFAL. Pós-doutorando na Universidade de Caxias do Sul. E-mail: odairzile@hotmail.com.

^b Doutora em Letras. Professora do programa de Pós-graduação em Letras e Cultura da Universidade de Caxias do Sul. E-mail: helocogn@terra.com.br.

Considerações iniciais

No Rio Grande do Sul, as canções regionais se caracterizam como um produto cultural que mantém um processo de produção e recepção tendo como um dos fortes motivadores o espaço físico do Estado e seu contexto histórico-social, como, por exemplo, as diferentes guerras e tratados entre espanhóis e portugueses¹ pela delimitação das fronteiras e a chegada dos imigrantes vindos de diferentes lugares.

É possível identificar no Rio Grande do Sul três principais vertentes no âmbito da música: a Música Tradicionalista Gaúcha, a Nativista e a Música Popular Gaúcha (MPG). As duas primeiras abordam o mito do gaúcho-herói, tendo como matriz inspiradora a vida no campo, a relação do homem com o cavalo, com a mulher e com a natureza; o nativismo se diferencia ao propor questionamentos quanto ao caráter injusto entre patrão-peão e as relações econômicas de interesse existentes. Por outro viés, a MPG aborda assuntos e costumes gauchescos, contemplando fatos e situações do cotidiano urbano, procurando desenvolver temáticas mais “universais” (AGOSTINI, 2005).

Se refletirmos sobre a música gauchesca, observamos que há uma forte presença de regionalidades (especificidades) nas produções. Em um estudo, Santos (2014) apresenta algumas características do léxico regional empregado nas letras das canções gauchescas: “itens como *bombacha, cavalhaço, cincerro, cincha, galpão, mangueira, peão poncho, repontar, retovo, tentos e tropilha* representam as lidas diárias nas estâncias de criação de gado, as atividades campeiras, tendo o cavalo como principal ‘companheiro’”; ainda, “a vida boêmia (nos bailes) e os momentos de descontração estão representados em itens como *bochincho, chamarra, entreverar, milonga e percanta*” (SANTOS, 2014, p. 108). Em certa medida, esses itens lexicais estão ligados a atividades que se ligam ao espaço, ao “solo gaúcho”.

Nesse contexto, este artigo visa analisar a construção de sentido, baseada em processos de metonimização, dos itens designadores espaciais (DEs) utilizados em “Querência amada”. A canção se tornou hino e ícone de sucesso no âmbito dos movimentos tradicionalistas, razão pela qual é utilizada em nosso estudo. Para tanto, dividimos as discussões em duas seções: na primeira, apresentamos os estudos sobre metonímia,

¹ Ao longo de séculos o território sul-rio-grandense manteve-se com uma fronteira móvel, tendo em vista os constantes acordos e descumprimentos entre as coroas portuguesa e espanhola.

no âmbito da Linguística Cognitiva, e, no segundo momento, analisamos os vocábulos DEs da letra.

Processos metonímicos: linguagem e cognição

O número de ocorrências e relações possíveis no processo de metonimização é amplamente variável, na medida em que cada língua carrega suas especificidades, como traços de cultura. Entre as investigações em Linguística Cognitiva, desde a publicação de *Metaphors we live by*, de Lakoff e Johnson (1980), existe praticamente unanimidade entre os pesquisadores em defender a metonímia como um fenômeno tão ubíquo quanto a metáfora nos usos de língua, já que "[...] tem uma importantíssima função cognitiva, que é a de organizar nossas categorias conceituais em torno de certos protótipos, de sorte que conceitualizemos toda uma categoria como se só ou principalmente consistisse em uma de suas subcategorias" (BARCELONA, 2009, p. 14). Vários linguistas abordam a metonímia de formas ligeiramente diferentes, como podemos verificar deste ponto de nossa revisão teórica.

Taylor (1995) descreve alguns fatores que favorecem a convencionalidade da metonímia, tais como: i) devem seguir um dos padrões "naturais" ou tipos de relações metonímicas conceituais (tipos como PARTE POR TODO, TODO POR PARTE, MARCA POR PRODUTO, CAMINHO POR OBJETIVO, etc.). ii) devem ser socialmente sancionados. Essa sanção depende do número de princípios comunicativos e cognitivos em geral favorecendo casos "naturais" de metonímia, e a existência de um princípio cultural específico favorecendo a convencionalização da metonímia, ou a falta desse princípio específico impedindo a convencionalização (TAYLOR, 1995).

Para Taylor (2009), os estudos sobre metonímia têm recebido pouca atenção (pelo menos, em comparação com a metáfora) no campo da linguística. O autor faz referência aos estudos da retórica tradicional, que define a metonímia como uma figura de linguagem, em que o nome de uma entidade E1 é usado para se referir a uma outra entidade, E2; essas, portanto, tornam-se próximas ou estão associadas. Esse processo de referência transferida é possível em virtude do que Nunberg (1978) chama de "função de referência". Nesse ponto de vista,

há uma função de referência que permite que o nome de um recipiente se refira ao que ele contém; um exemplo é quando dizemos que a chaleira “está fervendo”, o que não significa que a chaleira em si está em ebulição, mas que a água dentro dela está fervendo.

Da mesma forma, uma função de referência permite que o nome de um produtor se refira ao produto. Isso implicaria uma subcategoria da metonímia, que é a sinédoque, a partir do ponto em que a referência ao todo do conjunto é feita por referência a uma parte saliente. Alternativamente, o nome de uma instituição pode também representar uma pessoa influente ou grupo de pessoas influentes que trabalham na instituição (“O Governo tem afirmado...”). Às vezes, várias metonímias estão em operação; exemplo disso é quando se fala em “negociações entre Washington e Moscou”, pois há o uso de nomes de lugares para se referir a pessoas importantes associadas às instituições situadas nesses locais (TAYLOR, 2009).

Ainda conforme Taylor (2009), a metonímia também permite o nome de um símbolo para se referir ao tipo; assim, um vendedor que comenta “o casaco é nosso artigo mais vendido” pretende transmitir não que o casaco especial foi vendido muitas vezes, mas que jaquetas feitas naquele modelo têm vendido bem.

Qualquer ocorrência do dado de uma função de referência precisa ser sancionada por um conjunto de conhecimentos e crenças encapsulados em um quadro apropriado. Certas situações especializadas, no entanto, permitem o uso de funções que são validadas fora dessas situações: um garçom pode comentar com seu colega que “a bisteca de porco saiu sem pagar”. Nesse caso, a referência ao cliente se dá por meio do nome do prato pedido, por causa de certas características da situação no restaurante, em particular o fato de que os garçons interagem com os clientes, principalmente, com a finalidade de levar e entregar os pedidos até eles. Os clientes podem, assim, ser identificados em relação aos pratos que tenham encomendado (TAYLOR, 2009).

Os exemplos apresentados por Taylor (2009) sugerem que a essência da metonímia reside na possibilidade de se estabelecer conexões entre entidades que ocorrem em um determinado quadro conceitual. Essa caracterização sugere uma compreensão mais ampla da metonímia do que a dada

pela retórica tradicional. As entidades não precisam ser próximas, em qualquer sentido espacial, nem é a metonímia que restringe a referência transferida. Numa visão mais ampla, o autor afirma que a metonímia acaba por ser um dos processos mais fundamentais de significação extensiva e mais básica, talvez até mesmo do que a metáfora.

Para Taylor (2009), os indivíduos utilizam a forma (item lexical) que configure a forma mais flexível de falar; assim, um vocábulo ou expressão funciona como um ponto de referência (cognitiva) para o falante, o que torna possível a ele, por exemplo, usar a PARTE pelo TODO (ou vice-versa). A seguir, apresentamos os exemplos registrados pelo autor:

- (1) Ele dirigiu pelos correios. [caminho]
- (2) Nós penduramos o retrato sobre o sofá. [meta]
- (3) A imagem está sobre o sofá. [local]
- (4) Ele saiu da prisão. [fonte]

Muitos estudos sobre metonímia e sinédoque se espelham nas investigações de Lakoff e Johnson (1980), defendendo-as como um fenômeno de mudança referencial dentro do domínio cognitivo de um determinado falante (PANTHER; THORNBURG, 2007, p. 238). A seguir, apresentamos alguns dos exemplos citados por Lakoff e Johnson (1980 [2002]) sobre metonímia:

- (1) Ponha seu *traseiro* aqui. [parte pelo todo]
- (2) Ele comprou um *Ford*. [produtor pelo produto]
- (3) Precisamos de uma *luva* melhor na base 3. [objeto pelo usuário]
- (4) Eu não aprovo os atos do *governo*. [instituição pelos responsáveis]
- (5) A *Casa Branca* não está se pronunciando. [lugar pela instituição]
- (6) Não deixemos que a Tailândia se torne um outro *Vietnã*. [lugar pelo evento]

É importante destacar que a metáfora e a metonímia não são essencialmente verbalizadas, ou seja, podem ocorrer

em situações nas quais a língua não esteja em uso, como, por exemplo, gestos e perfis corporais (BARCELONA, 2003).

Conforme Lakoff (1990), a metonímia se concretiza a partir de um domínio conceitual condicionado por um Modelo Cognitivo, em que há A e B, e B pode ser representado por A, seguindo o seguinte raciocínio: “se B é uma categoria, e A é um membro, ou subcategoria, de B, o resultado é uma estrutura de categoria metonímica, em que A é um protótipo metonímico”² (LAKOFF, 1990, p. 288).

Relacionada com a metonímia, a meronímia estabelece uma relação PARTE-TODO de expressões (ou vocábulos) em um contexto. Além disso, as ocorrências de meronímias só podem ser vistas e entendidas a partir do plano cultural em que estão inseridas. Palmer (1996, p. 27) cita seis tipos de meronímia:³

- 1) componente-objeto inteiro (pedal-bicicleta)
- 2) membro-coleção (barco-frota)
- 3) porção-massa (porção-torta);
- 4) material-objeto (aço-carro);
- 5) característica-atividade (pagar-comprar);
- 6) lugar-área (Everglades-Flórida).⁴

Nesse viés, metonímia pode ser vista como um fenômeno cognitivo – não só uma figura de linguagem – que tem o papel na organização do sentido (Semântica), produção e interpretação de enunciados (Pragmática) (PANTHER; THORNBURG, 2007, p. 236).⁵

Panther (2006) retoma os estudos jakobsonianos, a partir dos quais a metonímia é vista como envolvendo uma *contiguidade semântica*, que se manifesta como *similaridade posicional*. É citado, então, um exemplo da metonímia referencial simples: “Mary não está na lista telefônica”. Nesse enunciado, o nome próprio ‘Mary’ substitui o alvo metonímico para o veículo metonímico Mary, e a metonímia ocorre numa posição específica sintática na frase e caracteriza-se como paradigmática. A relação entre a fonte de metonímia e o seu objetivo é a de uma contiguidade semântica, não apenas o resultado de uma substituição de um signo linguístico por outro signo linguístico.

No contexto de construção da metonímia, também é possível a influência de outros componentes conceituais, tais como o conhecimento enciclopédico dos indivíduos

² No original: “If B is a category and A is a member, or subcategory, of B, the result is a metonymic category structure, in which A is a metonymic prototype”.

³ Palmer (1996) cita e exemplifica os casos de meronímia baseando-se nos estudos de Morton E. Winston, Roger Chaffin e Douglas Herrmann. Verifica-se que sinédoque e meronímia são abarcados como fenômenos metonímicos em determinados contextos.

⁴ No original: “1) componente-objeto íntegro (pedal-bicicleta) 2) miembro-colección (barco-frota) 3) porción-masa (porción-torta); 4) material-objeto (aço-carro); 5) rasgo-actividad (pagar-comprar); 6) lugar-área (Everglades-Florida)”.

⁵ É importante observar, entretanto, que na Linguística Cognitiva semântica e pragmática não se constituem como domínios ou fenômenos distintos. Na Linguística Cognitiva, há um continuum entre os chamados “níveis de análise linguística” (e.g., sintaxe-semântica-pragmática).

dispostos no processo comunicativo, que tendem a atuar sobre a interpretação da metonímia. Portanto, o conhecimento contextual e o enciclopédico desempenham um papel imprescindível na interpretação de uma expressão como metonímica (PANTHER, 2006). Nessa perspectiva, sobre os processos metonímicos, Panther (2006) explica:

⁶ No original: "In a linguistic metonymy, a linguistic form, which I call *linguistic vehicle*, denotes a *source meaning*. The relation between linguistic vehicle and source meaning is in general symbolic [...], there is no "natural" connection between the form (linguistic vehicle) and its (literal) content. The source meaning, in turn, functions as a *conceptual vehicle* (alternatively, a 'thought vehicle') that provides cognitive access to the *target meaning*. The conceptual vehicle is thus a signifier that *indexically* evokes its signified, i.e target meaning. The link between source meaning and target meaning can thus be thought of as a semiotic relation".

⁷ Ver proposta multinível: do mais esquemático para o menos esquemático: esquema de imagem, domínio, *frame* e espaço mental (KÖVECSES, 2017).

⁸ No original: "tap portions of frames stored in long-term memory, but it seems implausible that whenever a metonymic operation takes place a whole conceptual frame is activated".

⁹No original: "a mapping is the projection of a domain or subdomain onto another domain or subdomain. In metonymy, the projection of the source simultaneously causes the mental activation of the target; but the mapping does take place".

Uma metonímia linguística, uma forma linguística, que eu chamo de *veículo linguístico*, denota um *significado-fonte*. A relação entre veículo linguístico e significado-fonte é em geral simbólica [...], não há nenhuma conexão "natural" entre a forma (veículo linguístico) e seu conteúdo (literal). O significado-fonte, por sua vez, funciona como um *veículo conceitual* (ou então um "veículo de pensamento") que fornece acesso cognitivo ao *significado-alvo*. O veículo conceitual é, portanto, um significante que, *de modo indexical*, evoca seu significado, ou seja, significado-alvo. A ligação entre o significado-fonte e significado-alvo pode, portanto, ser considerada como uma relação semiótica (PANTHER, 2006, p. 153).⁶

Por meio de uma operação metonímica, ocorre de um conceito-fonte ser expandido de modo que, como resultado, o conceito-alvo é interpretado como conceitualmente mais complexo. Concomitantemente, o conceito-fonte é uma parte integrada do conceito-alvo. Ainda, conforme Panther (2006), além das noções de domínio e subdomínio, o processo metonímico envolve também questões semióticas (indexicalidade), já que, na elaboração de um conceito-fonte, a metonímia se baseia em padrões de inferência preestabelecidos. Os tipos de domínios conceituais tendem a se relacionar-se de acordo com os espaços mentais,⁷ ao passo que esses "acessam *frames* armazenados na memória de longo prazo, mas parece improvável que sempre que uma operação metonímica ocorra um *frame* conceitual global seja ativado"⁸ (PANTHER, 2006, p. 161).

Conforme Barcelona (2003, p. 13), o mapeamento é "a projeção de um domínio ou subdomínio sobre outro domínio ou subdomínio. Na metonímia a projeção da fonte causa simultaneamente a ativação do alvo; mas o mapeamento acontece realmente"⁹ e, além disso, a metonímia é "uma projeção conceitual em que um domínio empírico (alvo) é parcialmente entendido em termos de outro domínio

empírico (fonte) incluído no *mesmo domínio empírico comum*¹⁰ (BARCELONA, 2003, p. 4).

A metonímia, então, pode funcionar, como Lakoff e Turner defendem, com mapeamentos conceituais. Ao concordar com esse posicionamento, Barcelona (2003) sintetiza, com base nos exemplos postos, que a metonímia pode ser vista como o fenômeno em que se dá a referência da parte em substituição pelo todo. Seguindo esse pensamento, nas circunstâncias de metonímias típicas, a fonte e o alvo são subdomínios claramente distintos, e o TODO pode representar a PARTE, e a PARTE, o TODO (BARCELONA, 2003). Em síntese, para Barcelona (2009), a metonímia é “a projeção conceitual de um domínio cognitivo sobre outro, ambos pertencentes ao mesmo domínio cognitivo, de sorte que o domínio projetado (domínio-fonte) ressalta e proporciona acesso mental ao domínio sobre o qual se faz projeção (domínio-alvo)” (BARCELONA, 2009, p. 8).

Para Evans (2009), a metonímia, diferentemente da metáfora, tem uma função referencial em um processo em que um item (ou expressão) exerce a função de substituir outro. No entanto, há uma divergência entre metáforas e metonímias:

Concepções figuradas nomeadas “metonímicas” surgem devido ao veículo figurado que facilita o acesso direto ao alvo figurado devido ao alinhamento do veículo e do alvo figurado no mesmo conceito lexical e perfil do modelo cognitivo. Em contraste, concepções “metafóricas” surgem devido a uma divergência entre alvos e veículos figurados através de dois conceitos lexicais diferentes (EVANS, 2009, p. 297).¹¹

Além disso, metáfora e metonímia não são ocorrências de figuras de linguagem claramente distinguíveis, já que essas são abordadas por diferentes correntes como fenômenos que se sobrepõem e, em muitas situações, se complementam (EVANS, 2009). Dessa forma, Evans (2009, p. 351) define metonímia como “um tipo de concepção figurada na qual o alvo figurado e veículo figurado realmente exibem alinhamento na resolução do confronto”.¹²

Para Palmer (1996), a metonímia pode ser vista como a relação entre um objeto e outro dentro de um modelo ou situação única, que não se constitui com base em relações físicas, mas no conteúdo (conceituais), ou seja, estabelece uma relação semântica entre dois domínios. Assim, uma metonímia

¹⁰ No original: “is a conceptual projection whereby one experiential domain (the target) is partially understood in terms of another experiential domain (the source) included in the same common experiential domain”.

¹¹ No original: “Figurative conceptions which are labeled as “metonymic” arise due to the figurative vehicle facilitating direct access to the figurative target due to alignment of the figurative vehicle and target in the same lexical concept and cognitive model profile. In contrast, “metaphoric conceptions arise due to a divergence between figurative vehicles and targets across two distinct lexical concepts”.

¹² No original: “a type of figurative conception in which the figurative target and figurative vehicle do exhibit alignment in clash resolution”.

pode evocar um *frame* que em dado contexto pode pertencer a uma matriz-domínio.

Panther e Thornburg (2007) defendem que uma definição de metonímia é aceita amplamente entre pesquisadores de Linguística Cognitiva, conforme as propostas de Langacker, Radden e Kövecses: "metonímia é um processo cognitivo no qual uma entidade conceitual, o veículo, proporciona acesso mental a outra entidade conceitual, o alvo, dentro de um mesmo modelo cognitivo"¹³ (*apud* PANTHER; THORNBURG, 2007, p. 239).

Para Panther e Thornburg (2007, p. 242), a metonímia conceitual deve conter alguns componentes:

- a. Metonímia conceitual é um processo cognitivo onde o conteúdo fonte providencia acesso para o conteúdo-alvo dentro de um domínio cognitivo.
- b. A relação entre conteúdo-fonte e conteúdo-alvo (conceitualmente não necessário), por exemplo, em princípio é capaz de ser anulável.
- c. O conteúdo-alvo é enfatizado, e o conteúdo-fonte fica em um segundo plano. (superfície/base).
- d. A força do elo metonímico entre conteúdo fonte e alvo pode variar dependendo, entre outras coisas, da distância conceitual entre fonte e alvo e da saliência da fonte metonímica.

Apesar de haver algumas noções corpóreas que possivelmente são universais, as relações entre fonte e alvo nas ocorrências de metonímia passam, obrigatoriamente, por relações entre as culturas, já que esse processo relacional é específico ou inerente a comunidades linguísticas, de acordo com suas vivências e experiências. Assim, a metonímia é um tipo de Modelo Cognitivo que é motivado por experiências e que geralmente é usado com um propósito pragmático (BARCELONA, 2003).

Nesse âmbito, a metonímia pode ser vista como "uma projeção conceitual (ou mapeamento) que ocorre num domínio que inclui fonte e alvo, sendo que o alvo é mentalmente acessado da fonte. Em outras palavras, a fonte causa a ativação mental do alvo"¹⁴ (BARCELONA, 2003, p. 37). Barcelona (2003)

¹³ No original: "metonymy is a cognitive process in which one conceptual entity, the vehicle, provides mental access to another conceptual entity, the target, within the same cognitive model".

¹⁴ No original: "a conceptual projection (or mapping) occurring inside a domain that includes source and target, whereby the target is mentally accessed from the source. In other words, the source causes the mental activation of the target".

dá como exemplo o lexema ‘mão’, que pode ativar um de seus domínios como o da habilidade manual, assim uma PARTE do corpo representa um de seus atributos ou funções.

Para o autor, boa parte das metáforas consolidam-se baseadas em metonímias, já que a relação entre alvo-fonte passa por processos metonímicos, como no caso em que alguém diz “estar para baixo”. Nesse caso, o domínio-fonte metonímico resulta da associação com o corpo: estar para baixo representa expressão muscular-corporal de relaxamento, inclinando-se para baixo. Assim, PARA BAIXO representando TRISTEZA (postura corporal) se desenvolve em TRISTEZA É PARA BAIXO (metonímia → metáfora). Nesse processo de generalização, tanto fonte como alvo podem se tornar constantes, ou seja, “a fonte metonímica torna-se a fonte metafórica, e o alvo metonímico torna-se o alvo metafórico”¹⁵ (BARCELONA, 2003, p. 44). O autor destaca quatro indícios de que mapeamentos metafóricos podem ser baseados em metonímia:

- (1) Há um grande número de metáforas baseadas em metonímias, o que não pode ser casual.
- (2) Metáforas podem ser vistas como “parciais”, ao passo que se relacionam com apenas um (ou alguns) aspectos do alvo. Há casos em que a generalização da “metonímia mãe” (como em TRISTEZA É PARA BAIXO) leva à metáfora.
- (3) As conexões metafóricas são baseadas em experiências que, de certa forma, são encapsuladas, com frequência, por meios de abstração metonímica. A metonímia convencionalizada generaliza para a metáfora, tal como ocorre em cores/sons, que gera a dependência da experiência (ou conhecimento) sensorial do ouvinte.
- (4) Em ambas, a percepção e a ativação mental se configuram como parciais, já que se torna impossível a percepção de todas as características possíveis de um objeto ao mesmo tempo. Não há como um indivíduo ativar todos os subdomínios de um domínio simultaneamente. O que ocorre, então, é uma seleção de partes, ou seja, um processo metonímico.

¹⁵ No original: “the metonymic source becomes the metaphorical source, and the metonymic target becomes the metaphorical target”.

Conforme Radden (2003), um mapeamento metonímico ocorre quando há partes separadas de um mesmo domínio conceitual. Em casos como "os preços estão subindo", a ocorrência da metonímia é gerada da relação COISA PARA REPRESENTAÇÃO, pois pode ser associado a um gráfico e suas linhas.

Para Ibáñez, nos processos metonímicos existem "duas possibilidades interacionais básicas: uma em que um mapeamento metonímico fornece a fonte para uma metáfora [...], e outra em que o resultado de um mapeamento metafórico se torna a fonte da metonímia"¹⁶ (2003, p. 121). Propõe-se, então, que há dois tipos de mapeamentos metonímicos (alvo-fonte e fonte-alvo) e, ainda, existem casos em que uma anáfora pode configurar-se como metonímia, quando disposta em períodos complexos. Na sequência, apresentamos alguns dos exemplos citados pelo autor:

- (1) "Em Goldfinger Sean Connery (=James Bond) salva o mundo de um desastre nuclear, mas ele (=James Bond) teve dificuldades para consegui-lo". [Autor pela obra / ator pelo personagem]
- (2) "O sanduíche de presunto está nervoso esperando sua conta". [Produto pelo consumidor]
- (3) "Eu estou estacionado lá fora". [Possuído pelo possuidor]

Ibáñez (2003) pondera que existem ainda ocorrências em que há dupla metonímia, como no enunciado (3), em que há um processo complexo: estar estacionado → carro → dono. Outro caso citado é quando alguém, por exemplo, mostra uma foto e diz "Isso é Roma"; a referência é fotografia → imagem de algum lugar de Roma → Roma.

Diante dessas leituras, a metonímia é entendida como um processo complexo que serve como uma referência conceitual entre domínio-alvo e domínio-fonte (ou vice-versa), o que possibilita associar diferentes conceitos lexicais com Modelos Cognitivos configurados e reconfigurados ao longo da interação humana, uma vez que "combinados atingem um nível alto de ressonância e dão surgimento ao processo de construção de sentido"¹⁷ (EVANS, 2009, p. 266).

¹⁶ No original: "two basic interactional possibilities: one, in which a metonymic mapping provides the source for a metaphor [...] and another in which the output of a metaphoric mapping becomes the source of a metonymy".

¹⁷ No original: "matched achieve a high level of resonance and give rise to the meaning-construction process".

Ao relacionarmos a metonímia com os processos de interpretação, notamos que ela determina em que sentido a correspondência específica do mapeamento metafórico poderá ser interpretada (IBÁÑEZ, 2003). Segundo Evans (2009, p. 254), a “interpretação funciona por meio do processo de combinação, o qual ocorre entre os perfis de modelos cognitivos acessados pelos conceitos lexicais relevantes os quais são sujeitos à combinação”¹⁸.

Com base nessas leituras, defendemos que a metonímia é um processo complexo de projeções conceituais em que um domínio se refere a outro por meio de relações simples/complexas, conforme Modelos Cognitivos.

Para a análise da letra da canção “Querência amada” (seção seguinte), seguimos o modelo teórico de Evans (2009), já que ele engloba os pontos de vista de diferentes autores numa proposta integrada para o tratamento do processo de construção de sentido em Linguística Cognitiva. Por meio dessa análise, pretende-se ratificar que, em Linguística Cognitiva, a cognição é situada e deve ser abordada em relação a fatores socioculturais.

Análise dos designadores espaciais em “Querência amada”

Nesta seção, desenvolvemos a análise dos vocábulos que designam espacialidade. A análise é realizada sob a perspectiva do analista-pesquisador, o qual, portanto, conduz um processo que se caracteriza como “introspectivo”, a partir do qual é possível construir-se a base para pesquisas empíricas. Para a análise, as linhas da letra são numeradas, e cada vocábulo ou expressão recebe destaque em negrito. Para remissão ao longo da análise, cada vocábulo é identificado com um número correspondente à canção e uma letra correspondente à sua instanciação.

A canção “Querência amada”, interpretada inicialmente por Teixeira, ¹⁹ ganhou repercussão e várias reinterpretações ao desenvolver como tema a exaltação do ser gaúcho e referir-se ao Rio Grande do Sul de uma forma afetiva. Na sequência, apresentamos a letra da canção.

¹⁸ No original: “Interpretation works by virtue of the process of matching, which takes place between the cognitive model profiles accessed by the relevant lexical concepts which are subject to matching”.

¹⁹ Vitor Mateus Teixeira (1927-1985), reconhecido como Teixeira, se tornou um ícone das produções de música gaúcha, ao interpretar canções de diferentes temas, dentre eles, o amor do gaúcho pelos espaços do Rio Grande do Sul.

- 1 **Querência** amada (1a)
- 2 Quem quiser saber quem sou
- 3 Olha para o céu azul
- 4 E grita junto comigo
- 5 Viva o **Rio Grande do Sul** (1b)
- 6 O lenço me identifica
- 7 Qual a minha procedência
- 8 Da **provincia de São Pedro** (1c)
- 9 Padroeiro da **querência** (1d)
- 10 Ó meu **Rio Grande** de encantos mil (1e)
- 11 Disposto a tudo pelo Brasil

- 12 **Querência amada dos parreirais** (1f)
- 13 Da uva vem o vinho
- 14 Do povo vem o carinho
- 15 Bondade nunca é demais

- 16 **Berço de Flores da Cunha** (1g1)
- 17 **E de Borges de Medeiros** (1g2)
- 18 **Terra de Getúlio Vargas** (1h)
- 19 Presidente brasileiro
- 20 Eu sou da mesma vertente
- 21 Que deus saúde me mande
- 22 Que eu possa ver muitos anos
- 23 O céu azul do **Rio Grande** (1i)
- 24 Te quero tanto **torrão gaúcho** (1j)
- 25 Morrer por ti me dou no luxo
- 26 **Querência** amada, planície e serra (1k)
- 27 Dos braços que me puxa
- 28 Da linda mulher gaúcha
- 29 Beleza da **minha terra** (1l)
- 30 Meu coração é pequeno
- 31 Porque deus me fez assim
- 32 O **Rio Grande** é bem maior (1m)
- 33 Mas cabe dentro de mim
- 34 Sou da geração mais nova
- 35 Poeta bem macho e guapo
- 36 Nas minhas veias escorre
- 37 O sangue herói de farrapo
- 38 Deus é gaúcho de espora e mango
- 39 Foi maragato ou foi ximango
- 40 **Querência** amada, meu céu de anil (1n)
- 41 Este **Rio Grande** gigante (1o)
- 42 Mais uma estrela brilhante
- 43 Na bandeira do Brasil

Seguindo as investigações de definições sobre conceito lexical propostas por Evans (2009), podemos identificar o vocábulo “querência”, cujo conceito é lexicalizado, no processo de

referenciação, de várias formas ao longo da canção. Ainda, conforme Lima e Feltes (2013), o fenômeno da anáfora indireta ocorre como um processo cognitivo em que a remissão se dá via acesso enciclopédico do indivíduo, como ocorre em alguns casos da canção, já que o vocábulo “querência” e a expressão “província de São Pedro” surgem inicialmente na letra, estabelecem uma relação com ‘Rio Grande do Sul’ e seguem recategorizados como “berço de Flores da Cunha e de Borges de Medeiros” (1g), “terra de Getúlio Vargas” (1h), “torrão gaúcho” (1j), “Querência” (1k e 1n), “minha terra” (1l), “Rio Grande” (1m) e “Rio Grande” (1o).

Lexicograficamente, o substantivo ‘querência’ pode significar local de origem (ou onde se vive),²⁰ no entanto, na formação “querência amada”, constata-se no adjetivo adjunto ‘amada’ ao substantivo ‘querência’ uma marca explícita de afetividade atribuída ao referido local. Além disso, nos primeiros versos já há uma tentativa de autodefinição ou de autoconstituição enquanto sujeito pelo fato de SER DO RIO GRANDE DO SUL.

As expressões que designam espacialidade, ao longo da canção, podem configurar-se como metonímias (cf. BARCELONA, 2003; EVANS, 2009; PANTHER; THORNBURG, 2007; PANTHER, 2006; TAYLOR, 2009) e recategorizações referenciais (cf. LIMA; FELTES, 2013) de RIO GRANDE DO SUL por referência a traços históricos (do Rio Grande do Sul), socioculturais (hábitos, usos, gastronomia) ou topográficos (acidentes geográficos naturais e artificiais). Paralelamente, ocorre, em alguns desses DÊs, o processo de referenciação em que um vocábulo remete ao conceito lexical já utilizado ao longo da canção.

Em (1a), temos a primeira designação espacial da canção: “querência”. Como referimos anteriormente, esse item se relaciona com um vínculo afetivo que se consolida em um espaço específico quando é citado “Rio Grande do Sul” (1b).

O trecho “a província de São Pedro” (1c) traz o designador como uma descrição definida. De acordo com a lexicografia, ‘província’ pode designar uma subdivisão territorial de um país (nos dicionários de língua geral) ou remeter à região que atualmente é o Uruguai (nas obras regionalistas²¹). No entanto, na letra da canção, a descrição definida²² pode ser compreendida e interpretada com referência a fatos históricos do RS, já que São Pedro é considerado, pela sociedade

²⁰ As relações lexicográficas aqui apresentadas são de acordo com os dicionários Caudas Aulete e Aurélio.

²¹ Nesta pesquisa, utilizamos o *Dicionário Gaúcho Brasileiro* (BOSSLE, 2003) e o *Dicionário Gaúcho: termos, expressões, adágios, ditados e outras barbaridades* (OLIVEIRA, 2010).

²² “Expressão definida” ou “descrição definida”, nos termos de Frege (1978) [2009], constituem-se de itens que iniciam com um artigo definido e, por isso, pressupõem que denotem uma única e específica pessoa, lugar, entidade. Além de dar especificidade, podem ser estruturalmente compostas por sintagmas nominais.

católica, o padroeiro do Estado, o que fez com que também fosse chamado por longos anos de Rio Grande de São Pedro. Fazendo a mesma referência, o item (1d) retoma as mesmas questões históricas no conjunto dos versos: "Da província de São Pedro / Padroeiro da querência".

Nesses dois casos, as descrições definidas que designam espacialidade podem ser interpretadas como QUERÊNCIA, ou mais especificamente, como RIO GRANDE DO SUL. Sugerimos que indivíduos que consomem produtos culturais referentes ao gauchismo teriam uma facilidade maior de ler e interpretar vocábulos e expressões que são típicas (ou mais usuais) nesse contexto e seus modelos culturais auxiliariam nesse processo.

O vocábulo "Rio Grande", citado em (1e), (1i) e (1m), faz não apenas uma referência ao Estado do Rio Grande do Sul, mas converge para o conceito lexical de *querência*. Há, nos versos, uma proximidade do *eu lírico*²³ com a *querência*, ao citar "meu Rio Grande" (1e); "O céu azul do Rio Grande / te **quero** tanto..." (1i); "mas cabe **dentro de mim**" (1m).

Poder-se-ia dizer, então, que há um recurso que denota um nível afetivo de proximidade, uma vez que os vocábulos desempenham papéis morfossintáticos que remetem à primeira pessoa, o que denota certa afetividade e que se aproximaria também do conceito QUERÊNCIA.

Na ocorrência em (1o), em "Este Rio Grande gigante", podemos perceber que a caracterização de ser "gigante" não tem como referência o tamanho territorial do Estado, mas uma referência afetiva do tipo DE GRANDE VALOR. Nesse caso, existe a metaforização de tamanho com uma ideia de superlatividade (ou até mesmo hiperbólica), pois se trata não do RS como extensão geográfica (geofísica), mas como caráter valorativo. Assim, há uma remissão à QUERÊNCIA, que possui um elo com o ser DE GRANDE VALOR e, ao mesmo tempo, o SER DO RIO GRANDE DO SUL; essa afetividade e esse amor passam pelo sentido de pertença ao Estado, ao ponto de fazer parte do próprio *eu lírico*, como enunciado nos versos anteriores: "mas cabe dentro de mim".

Em (1g1), (1g2) e (1h), observamos a referência a personalidades que se destacaram na história nacional e estadual e, além disso, às localidades dessas personalidades. Em (1g1), (1g2), "berço de Flores da Cunha e de Borges de Medeiros", o primeiro personagem citado foi político e general,

²³ Utilizamos *eu lírico* por entendermos que letras de canções podem ser vistas como uma forma aproximada de poema.

nascido em Santana do Livramento; o segundo, político e advogado, nascido em Caçapava do Sul. Já no enunciado (1h), “terra de Getúlio Vargas”, a referência é não só ao ex-presidente brasileiro, mas ao seu local de origem, São Borja (ou a campanha gaúcha, ou o Estado do RS). Verificam-se, nessas duas ocorrências, casos de descrições definidas e recategorizações de Rio Grande do Sul por meio de processos metonímicos, uma vez que o *todo* (Estado) é significado pela *parte*: “berço” e “terra”, que designam cidades específicas. Essas recategorizações são possíveis por meio de um *frame* de natureza histórica, na medida em que, para interpretá-las, é necessário que se acesse o conhecimento enciclopédico sobre a formação histórica do Estado.

Em “Querência” (1f), podemos interpretar que existe uma relação com a microrregião da Serra Gaúcha, reconhecida pela forte viticultura, se relacionarmos o vocábulo com “amada dos parreirais”. Assim, o conceito QUERÊNCIA reafirma-se como uma metonímia de RIO GRANDE DO SUL, na medida em que passa a englobar não apenas a região (localidade específica do Estado), mas também se relaciona com a produção agroeconômica, destacando o RS pelo que compõe sua atividade econômica. Além de mencionar a atividade, há o vínculo estabelecido com o produto da terra.

A procedência implica necessariamente ter nascido no local, mas o vínculo estabelecido com a região, com a cultura, gera identificação e identidades. Nesse sentido, o léxico designativo de espacialidade usado na canção pode refletir uma relação afetiva com a terra, como uma QUERÊNCIA, por diferentes questões: “terra dos parreirais” lembra os diversos grupos de imigrantes que saíram da Europa em busca de uma nova QUERÊNCIA que os acolhesse, como aqueles advindos da Itália e que se estabeleceram na Serra Gaúcha; essa inferência é possível pelo *input* “parreirais” → produção vinícola.

Nesse contexto, é interessante a referência a “parreirais” (associada à viticultura), quando na letra não se citam as demais atividades econômicas do Estado, acrescidas de suas regiões e sua história. Parte da QUERÊNCIA é também ligada à campanha, espaço reconhecido pela intensa atividade pecuária, o que insere na cultura do Estado boa parte de elementos: o cavalo como instrumento de trabalho, a vestimenta frequentemente usada (bombacha, botas, por

exemplo), os itens da lida campeira (laço, arreios, etc.) e o chimarrão como bebida muito consumida. Além disso, o espaço da campanha também fora, historicamente, palco de disputas territoriais entre lusos e hispanos, demarcando limites territoriais. O espaço de fronteira poderia imprimir nos indivíduos um “apego” pela terra, com sentido de propriedade, de “ter”, ou até mesmo de pertença, por “ser” de determinado local em detrimento de outro.

Nesse mesmo processo metonímico, a formação do relevo ajuda a lembrar como é a terra, além de a paisagem também ser representada na cultura, ou estar ligada a ela, já que a configuração geográfica – campo, planície, serra – compõe a “beleza da terra” e é entoada em muitas canções, inclusive em “Querência amada”. A cultura gauchesca tem vínculos necessários com a formação geográfica, e exemplo disso é a atividade campeira, própria da metade sul do Rio Grande do Sul, especificamente as regiões da fronteira oeste e campanha.

Nessas ocorrências, o processo de metonimização passa pelas relações entre as localidades, regiões e microrregiões do Rio Grande do Sul. Em outras palavras, ocorre a substituição de PARTES PELO TODO, em uma relação complexa, como esquematizamos na sequência:

Berço de Flores da Cunha → Santana do Livramento →
Campanha Gaúcha → RS → QUERÊNCIA

Berço de Borges de Medeiros → Caçapava do Sul →
região central / Pampa → RS → QUERÊNCIA

Terra de Getúlio Vargas → São Borja → campanha
gaúcha / fronteira → RS → QUERÊNCIA

Querência dos parreirais → região de imigração → Serra
Gaúcha → RS → QUERÊNCIA

Província de São Pedro → Rio Grande de São Pedro →
Rio Grande do Sul → QUERÊNCIA

Além dessas ocorrências, podemos identificar, nos itens que designam espacialidade, a relação com a formação geológica do Rio Grande do Sul. Um exemplo encontra-se em item (1k): a “Querência amada” é formada por “planície e serra”, remetendo a PARTES do relevo sul-rio-grandense, que é composto de planalto meridional, planície costeira, depressão

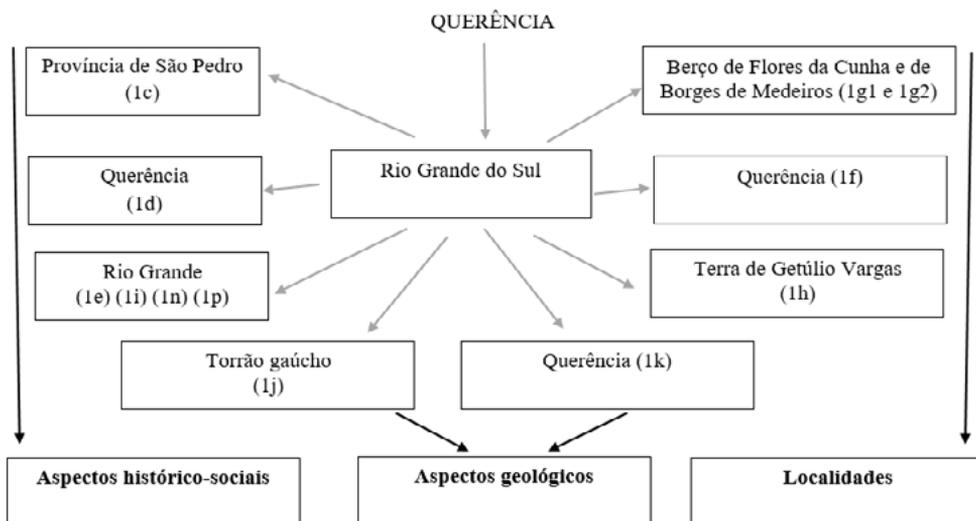
central e escudo sul-rio-grandense. Então, a metonímia se constrói ao serem referidas partes da geografia física do estado para representar o TODO e, do TODO, caracterizar afetivamente QUERÊNCIA.

Ainda, em (1j), quando se menciona “torrão gaúcho”, a relação estabelecida é com a parte do solo que pertence, por limites geográficos, ao Estado. Lexicograficamente, ‘torrão’ pode ser um “pedaço de terra”, referindo-se ao solo (nos dicionários de língua geral), ou “lugar de nascimento de alguém” (nos regionalistas). Dessa forma, podemos interpretar que “torrão” se constitui como uma metonímia, ao passo que o conceito lexical faz uso de um item que remete à forma física (de chão, terra, solo) para representar a totalidade, o RS ou, ainda, o componente pela coisa.

Para sintetizar as relações estabelecidas entre os itens que designam espacialidade na canção “Querência amada”, propõe-se o esquema da Fig. 1:

Nesses casos, as metonímias remetem aos traços e PARTES do Estado que ajudam a lembrar do Estado como um TODO. Trata-se das particularidades que formam o TODO. A

Figura 1 - Designadores espaciais da canção “Querência amada”



Fonte: Elaborada pelos autores.

escolha da PARTE pelo TODO torna-se importante, na medida em que o Estado passa a ser representado por seus “pedaços”: terra, querência, província, parreirais, torrão e berço tornam-se o RS. Para construir essas ocorrências, há recategorizações e descrições definidas que acionam *frames* relativos ao contexto sul-rio-grandense. Possivelmente indivíduos que compartilham desse contexto (como tradicionalistas e nativistas) realizam esse processo de recategorização e metonimização com maior facilidade. Em contrapartida, outros indivíduos podem ter certa dificuldade, pois podem não ter o conhecimento enciclopédico para evocar os *frames*.

Considerações finais

A análise dos DEs apresentados na letra da canção “Querência amada” demonstra que diferentes relações podem ser feitas para a construção de sentidos dos vocábulos, ao se referir ao RS por meio de diferentes *frames* ligados à história, à geografia, ao contexto do tradicionalismo e a atividades econômicas, por exemplo.

Os *frames*, vistos como um tipo de Modelo Cognitivo, funcionam como a relação entre uma coisa ou situação e essas simulações. Com base nesses processos cognitivos, destacamos o papel da metonímia em estabelecer não só a relação PARTE-TODO, como proposta por Barcelona (2003), Lakoff e Johnson (2002), Panther e Thornburg (2007), Panther (2006) e Taylor (2009), mas como um processo cognitivo complexo em que há uma sobreposição de múltiplos conjuntos e subconjuntos que fazem com que vários elementos se relacionem entre si, revelando o papel de fatores históricos e socioculturais nesse processo.

Entre os processos metonímicos, há aqueles que chamamos de complexos (nos termos de IBÁÑEZ, 2003), porque se constituem de diferentes relações, ou seja, ocorrem a partir de um conjunto de ligações em que há subconjuntos inseridos em um conjunto que, por sua vez, pode ser visto como subconjunto se relacionando novamente. Assim, temos casos como os DEs analisados, como “berço de Flores da Cunha” e “Terra de Getúlio Vargas”, que se constroem com base em múltiplas relações para designar o PARTE-TODO do Rio Grande do Sul. Ainda, além de ser PARTE do RS, ao espaço é

acrescentada uma série de características associadas a AMOR, FELICIDADE e PROSPERIDADE.

Por outro lado, a anáfora indireta foi possível identificar nas leituras de “querência” em “Querência amada”, uma vez que os indivíduos leitores precisaram estabelecer relações exofóricas para a construção de sentidos do DE, no âmbito da letra. Além disso, vários designadores são vistos como recategorizadores, ou seja, elementos de referenciação recategorizando ou referindo-se a Rio Grande do Sul, tais como “querência” (1d), “Rio Grande” (1e) (1i) (1m) (1o), “torrão gaúcho” (1j) e “terra” (1l).

Nesse processo de interpretação dos DEs, o conjunto vocabular utilizado nas letras das canções se relaciona em um campo conceitual, o que contribui para o processo interpretativo, já que alguns vocábulos e os conceitos a eles relacionados podem se constituir como marcas que se ligam a um contexto específico: a cultura gauchesca no Rio Grande do Sul. Isso revela que a leitura/interpretação da letra da canção analisada depende dos conhecimentos prévios do sujeito-leitor/ouvinte, com base em *frames* histórico e socioculturalmente estruturados, e que processos metonímicos são parte essencial dessa leitura/interpretação.

REFERÊNCIAS

AGOSTINI, A. L. *O pampa na cidade: o imaginário social da música popular gaúcha*. Dissertação (mestrado em Letras e Cultura Regional). Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2005.

AULETE. *Dicionário digital Caldas Aulete*. Disponível em <http://www.aulete.com.br/>.

BARCELONA, A. S. O poder da metonímia. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n. 25, jul-dez, p. 07-24, 2009.

_____. The cognitive theory of metaphor and metonymy. In: BARCELONA, A. *Metaphor and metonymy at the crossroads*. Mouton: New York, 2003. p. 1-58.

BOSSLE, B. *Dicionário Gaúcho Brasileiro*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2003.

EVANS, V. *How words mean: lexical concepts, cognitive models, and meaning construction*. Oxford: New York, 2009.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.

IBÁÑEZ, F. J. R. de M. The role of mappings and domains in understanding metonymy. In: BARCELONA, A. *Metaphor and metonymy at the crossroads*. Mouton: New York, 2003. p. 108-132.

KÖVECSES, Z. Levels of metaphor. *Cognitive Linguistics*, v. 28, n. 2, p. 321-347, 2017.

LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1990.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

LIMA, S. M. C. de; FELTES, H. P. de M. A construção de referentes no texto/discurso: um processo de múltiplas âncoras. In: CAVALCANTE, M. M.; LIMA, S. M. C. de (orgs.). *Referenciação: teoria e prática*. São Paulo: Cortez, 2013.

OLIVEIRA, A. J. de. *Dicionário Gaúcho: termos, expressões, adágios, ditados e outras barbaridades*. 4. ed. Porto Alegre: AGE, 2010.

PALMER, G. *Linguística cultural*. Versión de Enrique Bernardéz. Madrid: Alianza Editorial, 1996.

PANTHER, K. Metonymy as a usage event. In: KRISTIANSEN, G. et al. (ed.) *Cognitive linguistics: current applications and future perspectives*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006. p. 51-80.

PANTHER, K.; THORNBURG, L. L. Metonymy. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (ed.) *The Oxford handbook of cognitive linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007. p. 236-263.

RADDEN, G. How metonymic are metaphors? In: BARCELONA, A. *Metaphor and metonymy at the crossroads*. Mouton: New York, 2003. p. 93-108.

SANTOS, O. J. S. dos. *A música dos pampas numa perspectiva lexical: milongando entre o português e o espanhol*. Dissertação (mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade). Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2014.

TAYLOR, J. R. *Linguistic categorization*. 3rd. ed. New York: Oxford University Press, [1989] 1995.

_____. Polysemy and the lexicon. In: KRISTIANSEN, G. *et al.* (ed.) *Cognitive linguistics: current applications and future perspectives*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005. p. 51-80.

Abstract

Spatiality and metonymic processes in the song “Querência amada”

The gauchesca culture has close links with the geographic formation of the State of Rio Grande do Sul (RS) and this is represented, for example, in lyrics of Gaucho style of music, when the geotopological forms (relief, vegetation and hydrography) are mentioned to refer to spatiality. Based on this, this article has the objective of analyzing the words that designate spatiality of the letter “Querência amada”, an icon of success song in the traditionalism of the state of Rio Grande do Sul and that presents as theme the traces of space that can mean affection and sense of belonging, emphasizing the role of processes of metonymization, based on frames of historical and sociocultural nature, in the spatial references to and from Rio Grande do Sul.

Keywords: *Spatiality. Metonymy. Gaucho style of music.*